

Mulheres do Vale do Paraíba Fluminense

A cafeicultura brasileira teve seu apogeu no século XIX com a expansão da onda verde do café no vale do Paraíba Fluminense. Num período relativamente curto, tivemos reis e rainhas do café como o primeiro *rei do café do Brasil Imperial*: o comendador Joaquim José de Souza Breves, que simbolizou a máxima produção com a extensa escravaria e enormes latifúndios. As famílias Souza Breves, Gonçalves de Moraes, Oliveira Roxo, Monteiro de Barros, Werneck, Faro, Teixeira Leite e outras de igual importância se destacaram na produção da *coffea rubiácea* no altiplano fluminense em extensas lavouras.

A partir de São João Marcos, Piraí, Barra do Piraí, Barra Mansa, até Resende no limite do vale fluminense, e descendo a serra em direção ao mar, indo da restinga da Marambaia, passando por Mangaratiba e Angra dos Reis, num cenário dominado pelos homens, tivemos mulheres empreendedoras e dinâmicas com um papel relevante na formação das cidades do café, imprimindo sua personalidade na política, na economia e na formação social dos habitantes.

Acostumadas ao trato fino das grandes residências, ao luxo proporcionado pela riqueza do café, à boa educação francesa e aos modos da Corte, elas não se furtaram ao comando de suas propriedades, seja por viuvez precoce ou por estarem à frente de seu tempo como capazes administradoras, comandaram a produção de café, incentivaram e contribuíram para a educação, obras assistenciais, artes e comércio das pequenas vilas e cidades.

Podemos citar diversos exemplos de matriarcas que exerceram sua influência e comandaram grandes propriedades rurais: a baronesa do Piraí Cecília Pimenta de Almeida Frazão de Souza Breves (1781-1866) e suas filhas, Maria Isabel de Moraes Breves, esposa do rei do café, Cecília Breves de Moraes Monteiro de Barros casada com o comendador Lucas Antônio Monteiro de Barros, Rita Clara de Moraes Breves, esposa do comendador José de Souza Breves e uma sobrinha, Ana Clara Breves de Moraes Costa, casada com o russo Maurice Haritoff.

Entretanto, uma visão do cenário do século XIX pode levar o observador a conclusões diferentes. O universo da grande maioria das mulheres que viviam no meio rural era o doméstico e religioso, mas a educação, o dinheiro e o casamento proporcionaram novas oportunidades para as filhas de fazendeiros. Algumas estudaram na Europa e Estados Unidos da América, viajaram por alguns países onde aprenderam e conviveram com novas culturas.

Uma atitude comum às descendentes dos Breves foi a libertação de seus escravos antes da Abolição como atesta o diplomata Joaquim Nabuco em visita a fazenda Bela Aliança de Madame Haritoff. As cartas deixadas por Nicota Breves Haritoff são testemunho de sua dedicação na administração da Bela Aliança quando o marido esteve na Guerra da Criméia.

Também elas proporcionaram às cidades que surgiam no entorno de suas fazendas recursos para as obras assistenciais, como por exemplo, a Escola Doméstica Cecília Monteiro de Barros, antigo Asilo das Órfãs, administrado pela Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo em Barra

Mansa, RJ, fruto da doação e dedicação de Dona Cecília Breves Monteiro de Barros; a construção de igrejas em Barra do Piraí, Piraí, Arrozal e Passa-Três; escolas para escravos e inúmeras subscrições assinadas para fundos de amparo aos pobres e necessitados.

Na arte houve grande influência das mulheres, como a baronesa de Guararema, Francisca de Souza Monteiro de Barros casada com seu tio materno Luiz de Souza Breves, que foi uma grande incentivadora, madrinha e patrocinadora dos estudos e carreira do pintor italiano Eliseu Visconti.

Mulheres nascidas no interior da antiga província do Rio de Janeiro implementaram uma grande mudança no estilo de vida dessas populações: no vestuário e moda, na alimentação, na música, na decoração de suas casas, nas recepções oferecidas. Madame Haritoff ou Nicota Breves foi a grande anfitriã dos salões da Bela Aliança e de seu palácio em Laranjeiras no Rio de Janeiro.

O casamento com diplomatas e estrangeiros resultou no aprimoramento dos costumes na corte brasileira. O casamento de Rita de Souza Breves com o conde italiano Alessandro de Fè d'Ostiani, embaixador da Sardenha e Itália no Brasil, foi um grande acontecimento e uma contribuição aos hábitos e costumes da corte. O conde e sua mulher e posteriormente sua filha Paulina que se casou com um diplomata francês, o conde Montholon-Semonville, influenciaram até na gastronomia carioca e fluminense. O livro de receitas Rosa Maria é fruto dessa ligação familiar, e as condecorações da Ordem da Malta iniciaram-se com a chegada do conde italiano.

Administrar uma fazenda naquele tempo não era tarefa fácil, nem é nos dias atuais. Para se ter uma idéia do gigantismo da empreitada, podemos citar como exemplos: as fazendas de São Joaquim da Grama e Santo Antônio da Olaria, ambas no município de São João Marcos, descritas por Ascendino Dantas, com suas senzalas, enfermarias e farmácia para escravos, tulhas para armazenar café, paióis, casa de tropa, ferraria, carpintaria, engenho, além da própria residência dos senhores, casas com mais de 10 quartos, salões, pátios, capelas e saguões. Na Grama viviam cerca de duas mil pessoas dizia o conde d'Ursel, viajante belga que a visitou em 1873.

Na região de Vassouras temos a figura de Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930), uma brasileira notável, excelente financista e grande benemérita da região de Vassouras. Em 1872, Eufrásia recebeu de herança uma fortuna de 800 contos de réis com a morte de seus pais. A milionária e sua irmã foram viver em Paris e como desde muito cedo foi treinada e habituada aos negócios familiares aumentou duas vezes seu patrimônio investindo em títulos e ações, ouro e propriedades. No seu testamento deixou praticamente tudo para uma instituição religiosa de Roma, mas as vésperas de morrer, em novo testamento, legou grande parte de sua fortuna para instituições de Vassouras, RJ. A Casa da Hera, que seus pais construíram, foi transformada em Museu.

Mais longe no limite do vale fluminense com São Paulo, temos a "*rainha do café de Resende*" - Maria Benedita Gonçalves Martins (1809-1881) -, filha de um tropeiro com uma índia Puri que foi proprietária e administradora de várias

fazendas e grande produtora de café. Com temperamento e espírito público incentivou inúmeras campanhas, festas, quermesses e bingos, destinando o dinheiro às causas beneméritas. Ao contrário dos fazendeiros escravistas que defendiam a pena de morte em 1835, ela defendeu seus escravos contratando advogados para suas defesas. Não se importando com os críticos de sua conduta, ajudou financeiramente médicos, advogados, seminaristas e professores que se formavam e eram recebidos com festa em seu palacete na praça da matriz em Resende. Contribuiu com recursos para a construção de um cemitério longe do centro urbano em 1832, em desacordo com a Igreja que enterrava seus mortos no interior das matrizes e capelas ou ao redor delas. A Santa Casa de Misericórdia, que funciona até hoje, também é fruto de sua generosidade.

Maria Benedita faleceu em 1881, mas ficou na lembrança dos habitantes de Resende a magnífica festa do Espírito Santo realizada em 1877, relatada por Itamar Bopp, com três bandas de música, salões do palacete ricamente decorados, *toilettes* de seda e veludo, jóias e perfumes, baixelas de prata e ouro, porcelana de *Sèvres* e a grande novidade: taças com sorvete como sobremesa.

Outra de igual importância foi Maria Pimenta de Almeida Breves, filha do capitão mor José de Souza Breves, que foi casada com seu primo-irmão Luis de Souza Breves, filho de Thomé de Souza Breves. Dona Maria Pimenta de Almeida Breves foi proprietária da grande fazenda do Aventureiro adquirida por compra, depois de 1841, ao Alferes Teodoro de Faria Salgado. Com o desmembramento do grande latifúndio pelo menos cinco fazendas foram formadas: a fazenda dos Alpes, que pertenceu a seu filho o barão do Louriçal; a da Arapoca; do Castelo; da Conceição e São Luiz, todas em Além-Paraíba e Mar de Espanha. Seus filhos, o coronel Joaquim Luiz de Souza Breves e o barão de Guararema, Luis de Souza Breves foram fundadores da cidade de Além-Paraíba, MG. Sua irmã Brites Clara de Souza Breves (1789-1866) é citada no Almanak Laemmert de 1847, na seção de fazendeiros de café: D. Francisca de Jesus Breves, D. Maria Pimenta de Almeida Breves e D. Brites Clara de Souza Breves.

No mesmo periódico, em 1851, encontramos um expressivo número de mulheres, viúvas e administradoras de propriedades produtoras de café e outros gêneros:

Na Vila de Piraí: D. Alda Nogueira de Castro, D. Anna Margarida de Jesus, D. Anna Rodrigues Dias, D. Gertrudes Maria da Conceição, D. Victoria Rodrigues Dias e D. Brites Clara de Souza Breves; na Freguezia do Arrozal: D. Josefa Maria da Conceição, D. Possidônia Maria do Rosário e as viúvas de José Gonçalves da Silva, José Rodrigues Puga e Victorino José Figueira; na Vila de Rio Claro: D. Clara Gil de Siqueira, D. Luiza de Assis Pereira e Castro e a viúva Florentino & Filhos em Santo Antonio do Capivary; e em São João do Príncipe (São João Marcos): D. Jacintha Jesuína de Sá Cherem, D. Maria Joaquina Gonçalves Pinto e D. Benta de Oliveira.

Um contingente apreciável de mulheres fazendeiras movimentando a economia local: administrando as fazendas, comprando terras, adquirindo mão de obra, víveres, vestuário, ferramentas, etc.

A expansão do café estava em seu apogeu no vale do Paraíba e as mulheres ajudaram a modificar completamente o panorama social da região. Das pequenas vilas ao redor das fazendas surgiram prósperas cidades, e a mulher exerceu seu papel transformador como negociantes, capitalistas, professoras, produtoras agrícolas, religiosas e artistas, mudando para sempre sua vocação num mercado dominado pelos homens.

Texto base para Exposição "Mulheres de São João Marcos" realizada no Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos em Rio Claro, RJ, em 10 de março de 2012. Instituto Cultural Cidade Viva.

Aloysio Clemente M. I. de J. Breves Beiler